

Mário de Lima Guerra (*)

Os ideais da Revolução de 1842 (**)

(*) Economista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e Diretor da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira.

(**) Conferência proferida no dia 9/12/1992, no Conselho de Arte de Sabará, integrando o projeto "A Presença de Minas na Revolução de 1842" com ciclo de palestras em Sabará, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Sabará e do IHGMG.

ABSTRACT

The author inserts the Liberal Revolution into the international scenery, and summarizes this movement, concentrating on the participation of Teófilo Otoni, a leader of Minas that he exalts.

He recalls especially the military activities which took place in Santa Luzia. He emphasizes the importance of the revolutionary process and the involvement of towns in Minas by pointing out their real dimension at the time. He lists the different causes which led to the breaking out of the movement, and ends up masterly with questions that lead to thinking.

RESUMO

O autor insere a Revolução Liberal no cenário internacional e faz uma breve síntese desse movimento, concentrando-se em torno da participação de Teófilo Otoni, líder mineiro que exalta.

Recorda particularmente as atividades militares ocorridas em Santa Luzia. Destaca a importância do processo revolucionário e o envolvimento das cidades mineiras, demonstrando a sua real dimensão para a época. Elabora uma listagem dos diferentes tipos de causas que levaram à eclosão do movimento, e conclui magistralmente com perguntas que levam à reflexão.

Considerações Iniciais

Para facilitar a compreensão do espírito liberal, que impulsionou nossos antepassados destas Minas Gerais até a revolta armada, é fundamental examinarmos alguns cenários prevaletentes há um século atrás e, depois, rememorarmos os principais episódios revolucionários.

Os fatos antecedentes apresentam-se com várias revoluções eclodindo na Europa, no século XIX, de caráter especificamente liberal. Foram muitos movimentos semelhantes àquele que Teófilo Otoni lideraria nas Minas Gerais. Mesmo no nosso país, a 2ª regência foi um período típico de revoluções, que tinham, por princípio ideológico, o Liberalismo: Balaiada do Maranhão, Cabanada do Pará, Sabinada da Bahia e Farrapos do Rio Grande do Sul.

Fica aqui um registro, porque às vezes, se lê, ou em jornais ou em revistas, raro em livros, mas se ouve em palestras, uma menção a uma passividade de nós, brasileiros, e, no entanto, a História demonstra o contrário: O brasileiro quando há uma idéia muito forte, quando há uma presença de coisas lógicas, aceitáveis e insofismáveis, que realmente balançam seu arcabouço cultural, sua estrutura de pensamento, ele vai às últimas conseqüências. Quando fazemos uma reflexão a respeito da Revolução de 1842, isso pode ser facilmente percebido.

1 Síntese Histórica da Revolução de 1842

A Revolução de 1842 teve como estopim, a grosso modo, as chamadas "leis regressistas" que anularam eleições e reduziram autonomia das províncias.

Os partidários do chamado Partido Liberal das províncias de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul (que já estavam de certa forma em armas) consideraram intolerável aceitar essas leis, porque elas confrontavam explicitamente com as idéias de liberdade, e decidiram deflagrar movimento armado para mudar o estado de coisas.

Assim, em 12 de maio de 1842, explode em São Paulo a Revolução Liberal que foi ali chefiada por Rafael Tobias de Aguiar, com a presença de várias personalidades ilustres, entre outros, a do Pe. Feijó. Esse movimento foi sufocado por Caxias, com uma relativa facilidade, encerrando-se a 20 de junho do mesmo ano. Os paulistas encontraram dificuldade em manter sua luta e sucumbiram frente ao exército do Governo Imperial em pouco mais de trinta dias.

Entretanto, antes da derrota dos paulistas, os líderes liberais mineiros, que se encontravam no Rio, voltaram para Minas Gerais, entrando pela região de Barbacena e São João del Rei, procurando entendimentos para deflagrar a Revolução na sua terra natal.

Na data em que concluíram as articulações para dar início à Revolução, recebem a desanimadora notícia de que seus companheiros de São Paulo já haviam fracassado.

Talvez, se não fosse a tradicional palavra de mineiro, a honra empenhada através da palavra, essa característica cultural das montanhas de cumprir as coisas com as quais nos comprometemos, custe o que custar, se fossem outras pessoas com outra visão de vida ("o negócio já não deu certo, vamos parar por aqui mesmo"), jamais o Liberalismo Mineiro faria a revolução.

Não, eles resolveram fazer a parte deles em Minas Gerais. E assim, no dia 10 de junho de 1842, iniciava-se em Barbacena, a Revolução.

José Feliciano da Cunha chefiou a Revolução. Como conseguiriam fazer essa Revolução? Seria com recursos militares e conhecimentos bélicos de que os políticos do sertão mineiro dispunham e que Guimarães Rosa tão bem descreve? As forças do governo chamavam esses mineiros de "jagunços", mas, em muitas vezes as tropas regulares eram derrotadas por esses "jagunços".

Havia muita gente denominada "Guarda Nacional", que, certamente, possuía conhecimento estratégico para guerra.

O movimento, declaradamente revolucionário, possuía duas faces de legalidade: primeira – não se insurgiam contra a autoridade do Imperador Pedro II, mas contra as "leis regressistas"; segunda – pelas cidades onde se firmavam, as Câmaras Municipais se reuniam (e a Câmara Municipal de Barbacena teve a glória de ser a primeira a fazê-lo) e decidiam apoiar a Revolução. Isto é importante ressaltar porque o perfil das Câmaras Municipais na instalação e no comando das primeiras cidades mineiras instituiu, historicamente, a credibili-

dade e a legitimidade do sistema parlamentar municipalista. Dessa maneira, os parlamentares municipais votavam a não obediência ao Governo de Ouro Preto (então capital da Província de Minas Gerais) e sim obedecer ao governo de Barbacena (Revolucionário), o que imprimia um estado de legalidade ao movimento, satisfazendo assim ao escrupuloso espírito liberal de Teófilo Otoni: um movimento filosoficamente moral e legalmente aceitável, porque os representantes do povo acatavam a autoridade do Chefe José Feliciano Cunha e respeitavam a decisão da Câmara de Barbacena – Nova Capital da Província de Minas Gerais.

De Barbacena os revolucionários partiram para São João del Rei. Houve combate. Depois Queluz (hoje Conselheiro Lafaiete) e conseguiram acossar os legalistas até Ouro Preto. Mas não entraram em Ouro Preto. Por essa ocasião, começaram a chegar as notícias de que o Governo Imperial tinha entregado ao grande Caxias a incumbência de combater os revoltosos. Passou a surgir uma conversa de desânimo, uma conversa de paz e anistia, entre alguns dos revolucionários. Mas o pessoal, mais ligado a Teófilo Otoni, em nenhuma hipótese pensava em retroceder, apesar de toda a fama de soldado imbatível que Caxias já gozava naquela época, e da cabeça do movimento ter conhecimento de que ele sufocara o movimento em São Paulo.

Começou-se então a pensar na transferência do comando do movimento, tirando-o de José Feliciano da Cunha e entregando-o a Otoni, que dispunha de uma liderança pessoal melhor. Foi nessa fase (Caxias chegando e insegurança decorrente de possível mudança do comando revolucionário) que resolveram atacar uma cidade muito importante.

Resolveram atacar Sabará. O Prof. José Archanjo do Couto Bouzas descreve a batalha de Sabará com muitas informações e riqueza de detalhes. Todo Sabarense, que ama sua terra, não pode deixar de conhecer esse extraordinário documento histórico que enaltece e dignifica as gerações de hoje pela herança de bravura e honradez legada por aqueles seus antepassados, tanto os Liberais, que atacavam, quanto os Conservadores, que defendiam. O povo de Sabará tem muito em que se inspirar para dar continuidade a uma vocação política. Por essas e por outras, Sabará, mesmo sendo hoje economicamente pobre, é orgulhosa, por ser rica em honra.

Como era a situação política naquela época em Sabará?

Havia um movimento liberal muito grande na cidade, cujos

adeptos se reuniam em sociedade secreta e facilitaram a investida revolucionária. Contudo, também era muito grande o número de conservadores, tendo como líder o Cel. Manoel Antônio Pacheco – o Barão de Sabará.

O Barão de Sabará comandou as tropas de combate aos atacantes liberais, que cercavam a cidade, mas os revolucionários foram mais felizes e conquistaram Sabará expulsando o Barão e suas forças de guerra. Entraram em Sabará e a Câmara que, em sua maioria, era constituída de liberais, reuniu-se e votou a favor da vinculação política da cidade ao governo Revolucionário de Barbacena e não mais ao governo de Ouro Preto. Aliás, com muita razão, até hoje, o prédio da antiga Câmara Municipal situa-se na denominada (depois de 1889) “Rua da República” (prédio onde funcionou, há alguns anos, a cadeia local e que, no passado, tinha dois andares), (a Câmara funcionava no 2º andar).

Quando os revolucionários alcançaram essa vitória, eram muitas as cidades que já estavam sob o controle do governo de Barbacena porque cada uma delas contava com seu grupo de idealistas liberais, os quais levavam as Câmaras a aderirem ao novo governo, tornando a Província de Minas Gerais dividida em dois poderes instalados naquela fase histórica: Barbacena e Ouro Preto.

O povo de Sabará, empolgado, mesmo sabendo que Caxias estava em posição contrária, reforçou as tropas de Teófilo Otoni, que partiram para a conquista de Santa Luzia, cidade tão próxima, que se podia chegar a ela, facilmente, a pé, tendo ali entrado vitoriosamente, com a adesão do povo irmão luziense.

Em Santa Luzia houve tentativa das forças regulares de Caxias para negociação de paz com as forças rebeldes, de forma a se chegar a uma rendição sem luta. Mas a linha dos companheiros mais próximos a Otoni continuava a considerar inaceitáveis essas propostas. Eles acreditavam, seriamente, não tanto em vencer Caxias, mas, pelo menos, forçar o Governo Imperial a mudar sua legislação discricionária e autoritária, como se verá mais adiante.

Quase no último dia do encerramento da Revolução, o Governador Revolucionário, José Feliciano da Cunha, deixa a luta, criando uma situação muito grave no moral revolucionário. Contudo, nos mesmos dias, em manobra hábil, os revolucionários mineiros forçaram as tropas de Caxias a recuar e, por pouco não impuseram ao bravo comandante a primeira e única derrota em sua impecável carreira militar, só construída de vitórias. Isso pode ser assim

explicado: os revolucionários eram em maior número que os regulares, apesar de terem poucos militares (a maioria dos revolucionários era de civis); ocupavam posição mais favorável no sítio de guerra do que as tropas de Caxias. Aconteceu, no entanto, que, ao fazer seu avanço sobre o inimigo, os revolucionários não perceberam estarem perdendo sua posição estratégica no cenário da batalha. Um irmão de Caxias, acompanhando de longe a movimentação das tropas, temeu pela sorte dos seus aliados e, desobedecendo ordens superiores, abandonou com seus soldados a posição que ocupava, indo ao combate pelo flanco dos revolucionários. Por mera sorte, as tropas do Governo Imperial conseguiram colocar os revolucionários entre dois fogos, visto que não era esse o plano de Caxias, pois que havia ordenado a seu irmão para não abandonar o posto, qualquer que fosse a situação, não tendo alterado essa ordem (considerando inexistirem naquela época sistemas de comunicação à distância, como rádio ou telefone). Houve nesse instante atos imortais de bravura dos revolucionários tentando, a custo da própria vida, reverter a situação (desmentindo as lendas de que o brasileiro é medroso na guerra). Os mineiros revolucionários foram até o fim, como atesta a tradição oral de nossa região e como está registrado na bibliografia consultada, arrebatando, no que podiam, com os soldados do Governo Imperial, em feroz batalha com os revolucionários agindo qual Kamikazes.

Mas a derrota era irreversível e, então em uma casa de Santa Luzia, os chefes da Revolução, acompanhando os últimos esforços dos seus companheiros, passaram a aguardar a chegada do inimigo, então vencedor. Era 20 de agosto do ano de 1842.

Nesse instante, Teófilo Otoni era o comandante maior da Revolução porque o governador Revolucionário já havia se retirado, e, pela madrugada, chega um oficial do exército de Caxias gritando: "Que é de Otoni? Que é de Otoni"?

Ficou registrada a coragem e a simplicidade do gigante mineiro do velho Serro, ao responder:

– "É este seu criado"!

É lugar comum na História das Guerras, os comandantes derrotados fugirem ou, até mesmo, se suicidarem. Nós, mineiros, podemos contar, com orgulho, que aqui tem sido diferente: nossa cultura é de assumirmos as conseqüências de nossos atos.

Foram aprisionados os comandantes revolucionários. Enquanto isso as tropas legalistas saquearam Santa Luzia.

O povo das Minas Gerais desconhecia essa face selvagem dos vencedores de guerra porque até então, eram os revolucionários liberais que tomavam as cidades, mas seus valores morais incluíam, em primeiro lugar, liberdade e respeito à dignidade humana. Mesmo sabendo que, em tempo de guerra, é considerado fato corriqueiro pilhar as cidades conquistadas (de Josué a Francisco Pizarro, de Napoleão a Eisenhower, isso foi rotina), os homens de Teófilo Otoni tinham o maior respeito pela população das cidades invadidas. Essa postura de nobreza moral foi reconhecida até mesmo por cronistas inimigos de Otoni na época, conforme citação do Prof. Celso Falabella. Em Sabará, por exemplo, enquanto os revolucionários não tivessem autorização de cada comerciante, não havia requisição de alimentos para os seus guerreiros. O Desembargador João Braz da Costa Val Filho, aprofundou-se no estudo dessas questões, ficando evidenciado que o idealismo liberal dos homens de Minas na guerra leva-os a um comportamento sóbrio e generoso na vitória, mas destemido e altaneiro na derrota. O Prof. José Archanjo do Couto Bouzas, pesquisador da Historiografia Sabarense, relata que o povo de Sabará, de maneira geral, não guardou lembranças de violências e saques por parte das tropas de Teófilo Otoni.

Mas, em Santa Luzia, fizeram o contrário as tropas do Governo Imperial. Chegaram até nossa geração as informações, que corriam de boca em boca, de que, nem mesmo, a igreja da padroeira, Santa Luzia, foi respeitada. Essa igreja, segundo contavam velhos luzienses, que conheci, foi profanada e os olhos, que a imagem carregava sobre um prato em suas mãos, foram roubados. Eram dois brilhantes enormes...

Historiadores dizem, por força poética ou não, que o Rio das Velhas ficou tinto de vermelho, tão grande foi a quantidade de sangue derramado no derradeiro combate, no aprisionamento dos últimos rebeldes e na reação defensiva dos luzienses mais bravos, que se defendiam da pilhagem legalista.

Muito difícil chegar a uma estatística confiável das baixas trazidas pela Revolução nos dois lados da guerra, mas pela análise do número de batalhas e do número de cidades envolvidas, talvez não seja possível acreditar em um "Rio das Velhas tinto de sangue", mas é inegável ter sido muito grande o número de vítimas. Só em Santa Luzia foram registrados cinquenta e três mortos e trezentos e vinte feridos. Sabendo-se que foram mais de quinze cidades que caíram "manu militari" em poder dos rebeldes e que a batalha de

Santa Luzia foi considerada cinco vezes mais encarniçada que as demais, é possível levantar uma hipótese de que, em média, pudesse ter ocorrido 1/5 de vítimas do total de Santa Luzia em cada uma daquelas outras cidades. Muitas delas, é verdade, foram conquistadas pelos revolucionários sem derramamento de sangue (só com manobras militares e fuga das tropas legalistas), mas existem dados diversos de assassinatos, violências e prisões infligidos pelos legalistas aos revolucionários, declarados ou suspeitos, quando da reconquista das cidades rebeladas. Em outras cidades, como Queluz (Conselheiro Lafaiete) houve cinquenta mortos, sem contar as baixas da facção rebelde. Em Lagoa Santa, "os Homens do sertão... cada bala por eles despedida levava consigo uma morte ou ferida". Então se pudessemos aceitar essa hipótese de 1/5 como não inteiramente incorreta, permitir-se-ia calcular uma estimativa de duzentas baixas e mil e trezentos feridos, totalizando cerca de mil e quinhentas vítimas no movimento de 1842.

Número elevadíssimo para aquela época, quando a população de Minas Gerais era cerca de um milhão e duzentas mil pessoas (de acordo com uma projeção estatística, considerando "dados dos bispados do Brasil entregues ao desembargador do paço e à mesa da Consciência e Ordens do Prelado", no início do século XIX, cotejados com "Recenseamento do Império do Brasil" de 1872) considerando tanto os homens livres como escravos. Para melhor compreender o impacto daquele número de vítimas no ano de 1842, seria como ter dezoito mil vítimas de guerra na população mineira de hoje.

O encontro dos Chefes Revolucionários aprisionados com Caxias foi descrito pelo Pe. José Antonio Marinho que participou do movimento, como um ritual simples e de extremo respeito: aos prisioneiros, a pé, e com as mãos atadas, Caxias, montado a cavalo, falou:

"Meus senhores, isto são conseqüências do movimento, mas podem contar comigo para quando estiver ao meu alcance, exceto soltá-los".

Em seguida os revolucionários iniciaram a marcha para Ouro Preto, conduzidos pelo exército do governo. Inicialmente, dirigiram-se de Santa Luzia para Sabará. Pelo caminho, uns poucos prisioneiros, que traziam dinheiro consigo, compraram o direito de seguirem montados a cavalo mas, quando chegaram logo nas proximidades da Ponte Grande, foram obrigados a desmontar. Foram também

obrigados a percorrer as ruas de Sabará a pé, numa demonstração de humilhação à sua condição de derrotados.

Ficaram presos em Sabará por 2 dias na cadeia velha do Largo do Rosário (hoje demolida). Nesse momento, o Barão de Sabará já readquirira seu poder político na cidade e foi de grande cavalheirismo e hombridade sua postura perante os vencidos. Mesmo tendo sido derrotado e forçado à retirada anteriormente, lutou ao lado de Caxias em Santa Luzia e entrou, ao lado dele, em Sabará; mas longe de se empavonar com essas circunstâncias, manteve-se dentro de sua linha tradicional de reserva e sobriedade. Anos mais tarde, após a anistia dos revoltosos, esses o elogiaram publicamente pelo comportamento.

No caminho de Sabará a Ouro Preto, houve um atentado contra a vida de Teófilo Otoni, ficando ele, em decorrência disso, sob proteção de guarda especial, por determinação expressa de Caxias, que deseja apresentá-lo ao governador da Província de Minas Gerais. Apesar disso, quando entravam em Ouro Preto, ocorreu nova tentativa de violência. O agressor, porém, era apenas um desqualificado que desejava bajular os vencedores.

Os prisioneiros foram para a cadeia de Ouro Preto, enquanto seus parentes e amigos procuravam, junto ao governo, obter sua anistia.

Otoni entretanto recusava essa ajuda. Ele argumentava que sua revolução não era ilegal, logo não se constituía como um crime e, não sendo crime, dispensava qualquer perdão ou anistia. Desejava ser julgado e prometia que ele próprio se defenderia no julgamento. Da cadeia escrevia para os jornais do país, explicando por que liderara o movimento e defendendo suas idéias. Um ano e meio mais tarde, foi julgado e defendeu-se pessoalmente, como havia prometido. Foi considerado inocente. Saiu exatamente como ele quis: Revolução, quando o poder não cumpre suas funções ou quando abusa de sua autoridade, é Direito Humano e não crime.

Voltou para o Rio, foi empresário e fundou a Companhia do Mucuri, de onde se originou praticamente todo o desenvolvimento do Leste e do Nordeste Mineiro.

A Companhia do Mucuri foi o empreendimento sócio-econômico de iniciativa privada mais importante das Américas nos meados do século XIX. A região era habitada só por tribos indígenas e, muito antes do Marechal Rondon, desbravador das selvas mato-

grossenses, criar seu princípio de jamais agredir o índio, Teófilo Otoni defendeu idêntico posicionamento em sua empresa. Contrário à escravidão, Otoni preferiu trazer para trabalhar mão-de-obra livre, de nível técnico, recrutada na Europa, até à "Nova Filadélfia", cidade que se criou como núcleo de desenvolvimento regional e que hoje leva o seu nome.

Finalmente, veio a falecer, em 1869, como Senador, no Rio de Janeiro. Faltavam ainda vinte anos para a concretização do seu maior sonho: a Proclamação da República. Os jornais da época falaram que foi o enterro mais concorrido, até então, na cidade do Rio de Janeiro.

2 A grande força

Que força foi aquela que levantou vinte dos quarenta e três municípios mineiros existentes no ano de 1842? Quase a metade de um povo se levantou em armas. Que força foi aquela?

Há tempos, um historiador, subestimando o fato, afirmou que o número dos municípios rebeldes teria sido "só" quinze. Errou! Errou porque, em primeiro lugar, não foram quinze e porque não se fala "só" quando se trata de 47% de um todo. Em segundo lugar, eram os melhores e os maiores municípios da Província de Minas Gerais nos anos 40 do século XIX: Barbacena, Sabará, São João del Rei, Queluz, Caeté, e vai por aí... Seria como se hoje fosse usada essa expressão "só" para um conjunto de cidades como Belo Horizonte, Contagem, Juiz de Fora, Uberaba, Uberlândia, Ipatinga, Montes Claros, Governador Valadares, e Pouso Alegre. Na época, o "só" compreendia cerca de 80% da população de Minas Gerais. A seguir, registro os nomes daqueles vinte municípios e mais cinco distritos importantes na Revolução, os quais conquistaram sua autonomia, após o ano de 1842 (assinalados com asterisco = *). Presto, assim, àqueles municípios e distritos uma homenagem, como se costuma prestar a velhos soldados, fazendo-lhes uma chamada, e, certamente, se eles fossem seres humanos, se perfilariam e, com muito garbo e emoção, me responderiam:

– "Presente"!

- 1 - Aiuroca
- 2 - Araxá
- 3 - Baependi
- 4 - Barbacena
- 5 - Bonfim

- 6 - Caeté
- 7 - Conselheiro Lafaiete (antiga Queluz)
- 8 - Curvelo
- 9 - Esmeraldas (antiga Santa Quitéria)
- 10 - Grão Mogol
- 11 - Itapecerica (antiga Tamanduá)
- 12 - Lagoa Santa*
- 13 - Lavras
- 14 - Mateus Leme*
- 15 - Montes Claros
- 16 - Oliveira
- 17 - Paracatu
- 18 - Pará de Minas (antiga Patafufo)
- 19 - Pitangui
- 20 - Rio Pomba
- 21 - Sabará
- 22 - Santa Bárbara
- 23 - Santa Luzia*
- 24 - São João del Rei
- 25 - Visconde do Rio Branco
(antigo São João Batista do Presídio).

Observando o mapa do Estado de Minas Gerais, na última página, pode ser identificado um fenômeno surpreendente, quando esses vinte e cinco municípios revolucionários são nele lotados. Essas cidades estão ali assinaladas por um círculo. Veja logo no norte: Grão Mogol. Vamos nos lembrar (por excesso de zelo de minha parte) que o movimento revolucionário foi confabulado no Rio de Janeiro e que não havia recursos de comunicação (telefone, rádio, televisão). No entanto, como fazer chegar a propaganda revolucionária até Grão Mogol, Montes Claros, Araxá e todas as demais cidades mineiras tão distantes do Rio?

Voltemos ao mapa e vamos tentar acompanhar a caminhada das idéias do movimento: Barbacena, São João del Rei, etc., até chegar na região central da província (hoje Região Metropolitana de Belo Horizonte), caracterizada pelo município de Sabará (Belo Horizonte não existia na época, era apenas um pequeno arraial pertencente a Sabará e tinha o nome de "Curral del Rei", mas esta é

outra história). Nessa região vê-se uma concentração de círculos no mapa, demonstrando que foi total sua adesão à Revolução de Otoni. Quando não há círculos no mapa, nem sempre quer dizer que não houve adesão, como é o caso da região próxima a Araxá (cidade em que houve adesão). A razão é de que havia poucas cidades ali no século XIX. O mesmo pode ser visto na região do Nordeste Mineiro, que só veio a ser povoado depois da fundação da Filadélfia de Otoni. Esse mapa demonstra graficamente, as influências do ideal revolucionário se alastrando, provavelmente, em um sentido radial com propagação partindo, aparentemente, de um núcleo de alta concentração, situado na região metropolitana de Belo Horizonte.

Uma tropa adestrada para vir do Rio a Ouro Preto, gastava vinte e um dias, o que torna mais valorizada a competência dos liberais em agir acima desse padrão de velocidade, em uma região tão extensa e com uma mensagem tão abstrata. Um verdadeiro ciclone de Liberdade varreu Minas Gerais naqueles tempos. Liberdade era a força de Otoni.

3 O lado da razão

Até agora nós vimos a parte emotiva, romântica e aventureira do movimento de 1842. Agora vamos fazer um esforço analítico, cartesiano, para tentar identificar suas causas: Causas Prováveis, Causas Declaradas (pelos revolucionários) e outras causas, que denominarei de Causas Efetivas:

3.1 Causas Prováveis

Foram aquelas decorrentes de situações mais distantes da Revolução, mas que, somadas, criaram o cenário de insatisfação política gerador de ações contestatórias. Podem ser elencados dentro deste grupo os seguintes acontecimentos:

– O sistema político era de Monarquia Parlamentarista. Havia duas facções no Parlamento: uma Liberal, denominada "progressista", e outra conservadora, denominada "regressista". Os "regressistas" conseguiram em 1840 aprovar uma lei que reduzia o poder das assembleias legislativas provinciais e aumentava o poder central. Em 1841, os "regressistas" conseguiram outra lei criando um Conselho de Estado, que deveria ser chamado a pronunciar quando D. Pedro II fosse decidir, o que aumentava mais o poder da facção

conservadora sobre o jovem Imperador (dezessete anos de idade).

– Em seguida, novas leis reduziram mais ainda a autonomia das províncias (os Estados em que se dividiam o Brasil na época), com perseguições a funcionários públicos de tendências liberais.

– Finalmente, a dissolução da Câmara de Deputados de maioria Liberal, que marcou o clímax do descontentamento dos “progressistas” contra as sucessivas aprovações de leis “reacionárias”. No entendimento do revolucionário, Pe. José Antonio Marinho, foi um golpe de estado, uma verdadeira anulação de eleições.

Estas foram as causas que, provavelmente, devem ter contribuído para a eclosão da Revolução.

3.2 Causas Declaradas

Já as Causas Declaradas como autênticas pelos próprios revolucionários, têm, antes de tudo, uma afirmação de lealdade ao Monarca. Não fazem uma revolução contra o Imperador e sim para: “Livrar nosso adorado Monarca da coação em que o tem posto a oligarquia hoje dominante”. E continuam declarando as demais causas:

- Sustentar a Constituição Política do Império e do trono.
- Reduzir a centralização do poder e aumentar a autonomia das Províncias.
- Corrigir os Códigos Criminal e do Processo, por terem acabado com “a liberdade do cidadão, com suas garantias constitucionais e destruindo a independência do Poder Judiciário”.
- Ter liberdade de Imprensa.
- Não arrecadar impostos sem lei.
- Impedir violação de correspondências.
- Estancar a perseguição política a funcionários públicos.
- Anular a dissolução da Câmara de Deputados (que ainda não havia sido instalada).

Chamo atenção para os seguintes aspectos: as “Causas Declaradas” eram abstratas e não mencionavam um inimigo “declarado”. Uma coisa é fazer revolução em torno de argumentos materiais e palpáveis, outra é em torno de idéias jurídicas e filosóficas. Nem mesmo na questão dos impostos há uma força material, porque o questionamento é sobre “sem lei”.

Impressiona quem estuda a documentação revolucionária como

seu discurso de abstrações pode sensibilizar a Província de Minas Gerais quase inteira naquela época, e sem meios de comunicação.

3.3 Causas Efetivas

As Causas Efetivas, me parece, são as verdadeiras causas da Revolução. As demais foram acidentes históricos que emolduraram o cerne do fenômeno revolucionário. O fulcro desse fenômeno foi o grande ideal do liberalismo político e econômico que no século XIX provocou outras revoluções na Europa e no Brasil, como já citado no início deste trabalho. Era a grande vontade de valorização do indivíduo e do livre arbítrio. O ideal de que cada pessoa pudesse decidir o seu destino e a sua vida. Com uma visão tão atual, que nos surpreende cento e cinquenta anos depois: "Ajudas do Governo e limitações do governo são inimigas da liberdade". Lema que, modernamente, ainda soa tão bem aos nossos ouvidos, porque "ajudas" amolecem a criatividade e enfraquecem a iniciativa.

A vontade liberal de constituir representações responsáveis, ou seja, políticos comprometidos com o cumprimento dos mandatos outorgados pelo povo e com a administração da coisa pública, como pública não como particular ou como partidária aponta lições a se aprender até hoje.

Finalmente, havia a ideologia do Liberalismo que preconiza uma Constituição com um mínimo de disposições mas com ampla liberdade e garantias para os cidadãos negociarem entre si, suas diferenças e que também preconiza uma Economia livre, voltada para as Leis de Mercado, funcionando sem cabrestos. A ideologia do Liberalismo era tão avançada para aquele tempo como também ainda é para esses nossos tempos de hoje em dia.

Dentro desse quadro, alguém menos avisado poderia julgar Teófilo Otoni como quase um anarquista, tão extensa era a liberdade que preconizava. Longe disso. A liberdade, como ideal dos Otoni e dos líderes da Revolução de 1842, era uma liberdade com uma ordenação, uma liberdade com uma disciplina. Tanto assim que eles, sendo cidadãos civis, conseguiram comandar tropas militares e, muitas vezes, foram forçados a agir com energia e com armas na mão. Sabiam muito bem que utopia de liberdade absoluta implica em cerceamento da liberdade individual. A liberdade de um tem limite onde começa a liberdade do outro. Otoni e seus companheiros defendiam uma liberdade dentro da Constituição, Direito e do Espírito da Lei.

4 Lições de 1842

Quando tinha apenas vinte e três anos de idade, Teófilo Benedito Otoni escreveu no jornal que fundou no Serro: "Povos! Abominai o despotismo!".

Por abominar o despotismo, fêz-se uma Revolução, a qual teve um custo alto, material e, sobretudo, humano. Esta é a lição para todas as gerações posteriores a 1842: nossa liberdade vem pagando um elevado custo; custo de muito sangue, muito sofrimento e muitos prejuízos. Não podemos, portanto, transigir com opressão, intransigência e autoritarismo.

A outra lição diz respeito a movimentos armados. Teófilo Otoni afirmou, anos mais tarde, que "o sistema constitucional teria ganho mais se a oposição mineira, em vez de recurso às armas, de preferência, empregasse meios pacíficos que ainda restavam" (circular de Teófilo Otoni aos eleitores de Minas Gerais em 1860). Ou seja, Otoni nos propõe negociar até a exaustão, mesmo quando julgamos que pouco resta para dialogar. Reconhece e nos ensina que o movimento armado é inferior à capacidade política, à competência persuasiva, à habilidade de relacionamento entre partes antagônicas, à força da diplomacia.

A terceira e grande lição é a Liberdade. Liberdade Individual. Liberdade Política. Liberdade Econômica. Que haja um mínimo de governo, que a população civil tenha condições de resolver seus problemas, através de uma Constituição e Leis, legitimamente traçadas por representantes do povo, honrados e competentes. Uma lição de respeito à Lei, desde que legítima.

5 Mensagem final

Otoni se inspirava em Thomas Jefferson, e, em 1830, seu jornal, "Sentinela do Serro", tinha por divisas o discurso do 2º Congresso da Filadélfia:

"O fim de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem; estes direitos são a Liberdade, a Segurança, a Propriedade e a Resistência à Opressão".

6 Conclusão

Se não fôssemos mortais e se Teófilo Otoni pudesse ter sobrevivido por duzentos anos e aqui, velhinho, lesse esse texto, poderíamos perguntar-lhe:

1ª) Temos respeitado o sacrifício que os revolucionários de 1842 fizeram pela Liberdade?

2ª) Temos transferido a herança de sua educação de Liberdade e do respeito ao direito às gerações mais jovens?

3ª) Nossos representantes parlamentares, eleitos com nossos votos, sacrificam-se, como vocês fizeram, oferecendo até a vida pelos ideais de Liberdade Política e Econômica?

Responda-nos, por favor, Sr. Teófilo Otoni!

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Francisco, CARPI, Luzia, RIBEIRO, Marcus V. *História da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro : ao Livro Técnico, 1987.

AQUINO, R. et. al. *História das sociedades*. Rio de Janeiro : ao Livro Técnico, 1987.

BELL, John Fred. *História do pensamento econômico*. Rio de Janeiro : zahar, 1961.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. *Teófilo Otoni ministro do povo*. Belo Horizonte : Itatiaia, s.d.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*. Belo Horizonte : Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1970.

ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro : Encyclopédia Britannica do Brasil, 1982. v. 4 - v. 10.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro : zahar, 1984.

MARINHO, José Antonio, Pe. *"História de movimento político de 1842"*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1977.

SILVA, Joaquim. *História do Brasil*. São Paulo : Ed. Nacional, 1954.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. *História econômica do Brasil*. São Paulo : Ed. Nacional, 1962.

